

REVISTA



ECOS

LITERATURAS E LINGUÍSTICAS

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
- Editora Unemat -

EPLIT
Centro de Pesquisa
em Literatura

CEPEL
Centro de Estudos e Pesquisas em Letras

Programa de
Pós-Graduação
em Estudos Literários
PPGEL

Editores/Organizadores

Agnaldo Rodrigues da Silva
Taisir Mahmudo Karim

Projeto Gráfico

Ricelli Justino dos Reis

Copyright © 2016 / Unemat Editora

Ficha Catalográfica elaborada pela Coordenadoria de Bibliotecas
UNEMAT - Cáceres

ISSN: 2316-3933 (*Online*)

Revista ECOS. Literaturas e Linguísticas.

Editores/Organizadores: Agnaldo Rodrigues da Silva / Taisir Mahmudo Karim (Revista do Centro de Pesquisa em Literatura e do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários). Cáceres-MT: Unemat Editora, 2016.

387 p.

1. Literatura 2. Linguística

Semestral (Ref.: Jan 2016 - Jun 2016). Vol. 20, ano 13, n. 1 (2016)

CDU: 81

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura - 82

2. Linguística - 81



REVISTA ECOS - Grupo de pesquisa em estudos da Arte e da Literatura comparada - Centro de Pesquisa em Literatura / Programa de Pós-graduação em Estudos Literários
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres MT - Brasil - 78200000
Tel: 65 3221-0023 - revistaecos.unemat@gmail.com



UNEMAT Editora

Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada - Cáceres - MT - Brasil - 78200000

Fone/Fax 65 3221-0023 - www.unemat.br - editora@unemat.br

Vol. 20, Ano 13, nº 1 (2016)

ISSN: 2316-3933 (*online*)

REVISTA ECOS

Literatura e Linguística

Indexações:

Sumários de Revistas Brasileiras (sumarios.org)

Diadorim

Latindex

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

Reitora	Ana Maria Di Renzo
Vice-Reitor	Ariel Lopes Torres
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação	Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação	Rodrigo Bruno Zanin
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura	Alexandre Gonçalves Porto
Pró-Reitoria de Gestão Financeira	Ezequiel Nunes Pacheco
Pró-Reitor de Planejamento e Tecnologia da Informação	Francisco Lledo dos Santos
Pró-Reitoria de Administração	Valter Gustavo Danzer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis	Anderson Marques do Amaral

CENTRO DE PESQUISA EM LITERATURA Agnaldo Rodrigues da Silva

CONSELHO EDITORIAL/REVISTA ECOS

Agnaldo Rodrigues da Silva - UNEMAT (Presidente)
Elza Assumpção Miné - USP
Inocência Mata – Universidade de Lisboa/Portugal
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida – USP
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Maria Fernanda Antunes de Abreu – Universidade Nova de Lisboa/Portugal
Mônica Graciela Zoppi Fontana - UNICAMP
Roberto Leiser Baronas - UFSCar
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP

CONSELHO TEMÁTICO CONSULTIVO

Agnaldo José Gonçalves – UNESP
Águeda Aparecida Cruz Borges - UFMT
Ana Antônia de A. Peterson - UFMT
Ana Maria Di Renzo –UNEMAT
Benjamin Abdala Junior –USP
Célia Maria Domingues da Rocha Reis - UFMT
Eduardo Guimarães - UNICAMP
Elizete Dall'Comune Hunhoff - UNEMAT
Elza Assumpção Miné - USP
Isaac Newton Almeida Ramos - UNEMAT
José Camilo Manusse – Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique
José Carlos Paes de Almeida Filho - UNICAMP
Liliane Batista Barros - UFPA
Luiz Francisco Dias - UFMG
Maria dos Prazeres Santos Mendes – USP
Mário César Leite - UFMT
Mônica Graciela Zoppi Fontana – UNICAMP
Nelly Novaes Coelho - USP
Rita de Cássia Natal Chaves - USP
Taisir Mahmudo Karim - UNEMAT
Tânia Celestino de Macedo – USP
Valdir Heitor Barzotto – USP
Vera Lúcia da Rocha Maquêa - UNEMAT
Yasmin Jamil Nadaf - Academia Mato-Grossense de Letras
Walnice de Matos Vilalva – UNEMAT

REVISTA



ECOS

TEXTOS EM PORTUGUÊS



NEVES E SOUSA - PINTOR E POETA
 ENTRE ANGOLA E O BRASIL

NEVES E SOUSA - PAINTER AND POET
 BETWEEN ANGOLA AND BRAZIL

Leonel Cosme¹

RESUMO: A. Neves e Sousa nasceu ocasionalmente em Portugal, filho de pais portugueses em viagem, em 1921, e viveu em Angola até 1975, que só abandonou por força das convulsões político-militares ali eclodidas, para se fixar, com a família, durante 20 anos, em Salvador da Bahia, onde faleceu a 11 de Maio de 1995. Pintor icónico e poeta bucólico, nem sempre compreendido, é um artista virtualmente bidimensional na pintura e na poesia, como se explica: "Todas as coisas que não consigo transmitir a pintar, eu transformo-as em poesia. A terra e eu éramos uma só ideia: África de todas as maneiras que sabia e não sabia." E noutro passo: "Ser africano não é questão de cor/é sentimento, vocação, talvez amor. /Não é questão mesmo de bandeiras/de línguas, de costumes ou maneiras...". O pintor Neves e Sousa deixou esse testemunho em quadros e murais representados em colecções, galerias e museus de todos os continentes, nomeadamente em Angola, Brasil e Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Neves e Sousa; Angola e Brasil; Arte e Literatura.

ABSTRACT: A. Neves e Sousa was born occasionally in Portugal, as son of Portuguese parents that are travelling in 1921. He lived in Angola until 1975 and went to Brazil in this date, due to the military-political convulsions that occurred in this territory and in that period. He settled with his family in Salvador (Baía) during twenty years until the date of his death in 11 of may 1995. Neves e Sousa was an iconic painter and a bucolic poet not always understood, assuming, on the one hand, the importance of painting and poetry to define him as an artist and, in other hand, the importance of Africa in his artistic work as we can read: "All the things that I can't impart by painting I transform them into poetry" and "Being an African it is not a question of colour / it is feelings, vocation and perhaps love. / It is not a question of flags, languages, customs and manners...". The painter Neves de Sousa left this testimony in paintings and murals scattered in collections, museums and galleries all around the world, namely in Angola, Brazil and Portugal.

KEYWORDS: Neves e Sousa; Angola and Brasil; Art and Literature.

1 Escritor-ensaísta. Porto/Portugal.

Albano Neves e Sousa nasceu ocasionalmente em Matosinhos a 15 de Janeiro de 1921, no decurso de uma viagem em férias de seus pais a Portugal; viveu até 1975 em Angola e morreu a 11 de Maio de 1995 em Salvador da Bahia, onde passou os últimos vinte anos da sua vida, só entrecortada por breves deslocações para satisfazer encomendas, promover exposições e receber homenagens em vários países.

Saiu compulsivamente de Angola em consequência do período de confrontações políticas e militares que precederam a conquista da independência, a que ninguém estava imune. Particularmente sua irmã, também pintora, Teresa Gama (Neves e Sousa), cujos efeitos de violência física desmedida afectaram o resto da sua vida, até à morte, quando o irmão já se encontrava no Brasil.

Em 1975, Neves e Sousa junta tintas, pincéis, alguns dos seus livros de poemas e, acompanhado pela esposa, também angolana, Maria Luísa, rumo ao Brasil, que ele já conhecia de viagens profissionais que realizara na América. A capital bahiana não foi escolhida por acaso. Cidade onde outros angolanos do mesmo período já se tinham radicado, facilitando a adaptação, mas também pelos vestígios de um passado histórico em muitos pontos comum, em que, para um pintor iconográfico, Luanda se repetia nos seus habitantes de todas as cores, nas ruas e praças ainda livres de condomínios, “resorts” e torres de betão desafiando Babel. E, como ele dizia, onde a terra lavrada e as árvores dos jardins tinham o mesmo cheiro da capital angolana.

Ademais, sobrenadando os actos e as sensações, imperava a língua portuguesa, temperada pelos sons do povo, como em Angola. O que o poderia ter levado a repetir não só Fernando Pessoa, mas também Caetano Veloso: “A língua é a minha pátria e eu não tenho pátria. Tenho mátria e quero frátria.”

Ele poderia também concordar com outro português de nascença, que conheceu e amara o Brasil de lés a lés, Agostinho da Silva, quando simplificando - “chama-se Pátria ao lugar em que nascemos” – não elidiria a abrangência de Cícero: “A nossa terra é o sítio onde se está bem.” Como terá sido, porventura, para outro português que vivera durante a adolescência em Minas Gerais, Miguel Torga, que em viagem de saudade declarara, em 1954, numa homenagem prestada em S.Paulo: : “...o Brasil amei-o sempre, foi o meu segundo berço, sinto-o na memória, trago-o no pensamento”. Todavia, podendo aditar o que escrevera depois de calcorrar o mundo lusófono, num poema dedicado ao navegador Fernão de Magalhães: “Ter um destino/ é não caber no berço/onde o corpo nasceu/é

transpor as fronteiras/uma a uma/e morrer sem nenhuma.”Ou como prelecionava outro português-brasileiro, o padre António Vieira:”Para nascer, Portugal; para morrer, o mundo.”

O poeta e pintor Neves e Sousa, falando aos amigos angolanos, como Sebastião Coelho (outro compatriota deslocado da *terra-mater*), que o visitara indo de Buenos Aires, resumia tudo num sentimento - “Já que não posso estar em Angola, Angola está em mim.” E num poema emblemático:

Ser angolano é meu fado, é meu castigo
Branco eu sou e pois já não consigo
mudar jamais de cor ou condição...
Mas, será que tem cor o coração?

Ser africano não é questão de cor
é sentimento, vocação, talvez amor.
Não é questão mesmo de bandeiras
de língua, de costumes ou maneiras...

A questão é de dentro, é sentimento
e nas parecenças de outras terras
longe das disputas e das guerras
encontro na distância esquecimento!

Em momentos de memórias e saudades (diga-se que o Dia da Saudade é celebrado na Bahia a 30 de Janeiro), o pintor transmudava-se para a poesia. E confessava:”Todas as coisas que não conseguia transmitir a pintar, eu transformava-as em poesia. A terra e eu éramos uma só ideia:África de todas as maneiras que sabia e algumas que não sabia.”

Da sua representação de pintor de quadros e murais, ninguém faria melhor julgamento, no Brasil, do que Jorge Amado:

Angola nos deu tanta e tanta coisa boa, fundamental para a formação do povo brasileiro, para o que hoje somos! Deu-nos sangue, o bom sangue negro de Angola, deu-nos dança e canto, deuses trazidos da floresta, a obstinada disposição de luta, e invencível e livre capacidade de rir e de viver. Somos tão angolanos como quem mais o seja – Bahia e Luanda são cidades irmãs.

Não contente, Angola vem de nos legar, nas confusões do nosso tempo incerto, o pintor Neves e Sousa. Pintor de Angola, de sua paisagem poderosa, de sua poderosa gente, dos costumes, da magia e da realidade – ele tocou com seu lápis ou com seu pincel cada momento e cada detalhe do país e do povo. O sol de Angola imprimiu a cor definitiva da sua paleta.

Não posso senti-lo estrangeiro sob o sol da Bahia, as cores são idênticas, muitos dos nossos hábitos vieram de lá. Na beleza das mulheres há um toque de dengue angolano, na força e na esperança dos homens descortino a decisão da gente de África. Neves e Sousa, encontra aqui a irmandade dos países que têm em comum, além da língua, alguns bens decisivos de suas culturas nacionais. Não é estrangeiro no Brasil o artista de Angola.

Sob o sol da Bahia, Neves e Sousa prossegue a sua obra admirável e a leva aos quatro cantos do continente brasileiro, pois é anejo de natureza esse mestre pintor de árvores e bichos, de homens e deuses.

Mas em Angola, como pintor, Neves e Sousa só foi apreciado bastante tarde e de diversos ângulos, em que se misturaram com a arte a incultura estética e o preconceito ideológico. Todavia, alguém quis apostar - logo numa adolescência já consagrada ao desenho e à pintura, que se manifestou em duas exposições realizadas em 1936, no Andulo, terra da sua residência, com a família, e no ano seguinte, em Luanda, com o apoio do jornal A PROVINCIA DE ANGOLA - no futuro do que viria a ser, para muitos dos seus admiradores, o maior pintor de Angola.

Em 1943, a Câmara Municipal de Luanda concede-lhe uma bolsa de estudos que lhe permite fazer o curso superior da Escola de Belas Artes do Porto. Entre 1949 e 1950 coopera com o Grupo dos Independentes do Porto, tendo organizado com mestre Fernando Lamas a 1ª Exposição de Arte Infantil no Porto. Em 1950 e 1951 obtém três prêmios em concursos da Escola de Belas Artes. Em 1952 defende tese, regressa a Angola e fixa-se em Luanda, onde logo se anuncia com uma exposição de pinturas produzidas durante os anos de ausência.

Não teve o acolhimento certamente esperado junto dos meios culturais que assumiam a crítica, como se pode avaliar por uma nota da

prestigiada revista MENSAGEM, no seu segundo e último número de Outubro de 1952, em que se transcreve um comentário da revista moçambicana TRIBUNA:

A exposição de Neves e Sousa – aguarela e óleo – merecia, na realidade, uma referência mais pormenorizada do que uma simples nota. Mas, à falta de melhor, resta unicamente lembrar a característica principal que o conjunto dos seus trabalhos revela. Nos óleos, a deficiência de cor e uma preocupação de rebusca “cubista” – superficialmente, pois não atingiu o sentido decorativo revolucionário desta escola – inferiorizaram-lhe os trabalhos. Note-se ainda quanto aos estudos etnográficos e as aguarelas a sépia, imitando desenhos, eram os pontos fracos da sua exposição, mas que mesmo assim não destruíram o aspecto agradável do conjunto. Se Neves e Sousa aprofundar e não alindar os seus temas, mas numa directriz da interferência humana da arte com a vida, poderemos esperar dele um excepcional ilustrador.

Seis anos depois, em Março de 1958, numa revista também histórica pela sua representatividade no Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, CULTURA, um mais extenso comentário a outra exposição de Neves e Sousa, assinado por F.de Oliveira, já dá conta do relativo sucesso do Artista junto do grande público, em contraponto com os seus detractores e a crítica assumida como tal. Observando:

É uma coisa difícil falar de Neves e Sousa: a seu respeito há uma polémica quase permanente em aberto e com ligações directas a sectores artísticos ou estranhos a qualquer actividade do espírito, de Luanda. Nos já longos anos em que venho visitando as exposições de artes plásticas realizadas na capital de Angola, tenho visto que raras vezes se tem dito algo de verdadeiramente interessante a respeito do, pelo menos laborioso, artista: ou o elogio incaracterístico, ou a detracção muitas vezes ditada por razões pertinentes mais a rivalidades “comerciais” que a considerações de ordem estética. [...]

Enfim, contra ventos e marés, a carreira do Pintor continuou a progredir, dentro e fora do seu país, tendo atingido os píncaros da consagração em todos os continentes, onde foi admirado e homenageado com prémios e condecorações e está figurado em colecções e museus de renome internacional.

Mas nesse percurso de êxitos continuados sobretudo em Portugal e no Brasil não teve merecido lugar o Poeta, atingido pela sua ausência física durante os dez anos que esteve fora da *terra-mater*, onde vigoram ainda duas máximas cruéis: quem não aparece, esquece; só faz falta quem está connosco.

Hoje, quando são reconhecidos nomes de poetas angolanos que se extinguíram à nascença, é imperdoável que Neves e Sousa estivesse ausente de antologias como “Poetas Angolanos”, organizada pela Casa dos Estudantes do Império (1962), “No Reino de Caliban”, organizada por Manuel Ferreira (1976), ou “Poesia de Angola”, organizada pelo Ministério da Cultura de Angola (1976), com prefácio de António Jacinto, e todas constituindo peças imprescindíveis dos estudos universitários.

Excepção: a editora IMBONDEIRO, de Sá da Bandeira, incluiu A.Neves e Sousa em duas antologias de 1963 – “Colecção Imbondeiro” e “Colecção Mákua” - em que são seleccionados poemas de 13 reconhecidos poetas de Angola, e se faz esta nota sobre Neves e Sousa, o primeiro por ordem alfabética: “Vivendo em Angola desde a mais tenra idade, é sobretudo conhecido como o Pintor que mais exclusivamente vem revelando a paisagem física e humana da terra em que cresceu e abriu os olhos para Arte. Autor de três livros de poesia de motivação africana: *Motivos Angolanos*, *Mahamba* e *Batuque*.”

Ao que se poderia acrescentar, para definir o Pintor-Poeta, lembrando Buffon e Max Webber: “O estilo é o homem”- “Mesmo a visão unilateral de um acontecimento vale como um contributo para a compreensão do real.” Por isso, Neves e Sousa continua presente.